



JOSÉ ANTONIO PEREIRA

**CONGREGAÇÃO MARIANA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE 455 ANOS DE
DEVOÇÃO E EVANGELIZAÇÃO**

UniCesumar

**GOIOERÊ
2018**

JOSÉ ANTONIO PEREIRA

**CONGREGAÇÃO MARIANA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE 455 ANOS DE
DEVOÇÃO E EVANGELIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teologia do Centro Universitário
de Maringá (UNICESUMAR).

Área: Teologia Católica.
Assunto: Mariologia; Evangelização.

GOIOERÊ
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus pelo dom da vida, por tantas graças e bênçãos recebidas e todas as oportunidades a mim proporcionadas ao longo da caminhada.

Lembro neste momento especial minha mãe e primeira educadora Nazareth de Lima Pereira, seus ensinamentos foram a base fundamental para que pudesse me tornar o homem que hoje sou, e meu pai Antonio Pereira que com seus valores e exemplo de integridade foram a força que me impulsionou a lutar para chegar onde estou.

Um carinhoso agradecimento destino à minha esposa Luzia Gonçalves de Alencar Pereira por ter sido minha companheira e parceira em todos os desafios enfrentados, seu apoio seja nas conquistas, no trajeto ou nas dificuldades foi fundamental para que pudesse chegar até aqui. Agradeço toda a minha família por ter sido alicerce e motivação sempre, em especial meus filhos, Michelle e Junior, e os netos, Maria Eduarda, Mariana e Pedro.

Dedico ainda meus agradecimentos a todos os professores do curso de Teologia da Unicesumar, o auxílio, disponibilidade e dedicação de vocês são essenciais para que cidadãos e profissionais sejam capacitados e estejam preparados para contribuir na construção de um mundo melhor. E aproveito para lembrar toda a equipe do polo de Goioerê, a paciência e colaboração de vocês foram de extrema importância.

Por fim agradeço à toda a comunidade da Paróquia Nossa Senhora das Candeias de Goioerê, que me dedicam tanto carinho e sustentam a missão que assumi enquanto Cristão.

“Tudo posso naquele que me fortalece.”
Filipenses 4,13

RESUMO

O presente texto tem como objetivo analisar a história da Congregação Mariana e identificar aspectos relevantes que a mantém ativa ao longo de 455 anos em sua missão evangelizadora, base da religião católica, e na disseminação da devoção mariana. Esse estudo justifica-se não só pela identificação de tais aspectos, como na possibilidade de com base nessa análise obter-se uma referência que contribua no desenvolvimento de uma série de ações que sejam condizentes com as propostas atuais da Igreja Católica, a propulsão e alcance de tais objetivos em outras expressões. A atualidade dessa associação e sua capacidade de, pautada em princípios e valores sólidos, se adaptar a diferentes situações são os pontos altos observados ao longo do conteúdo estrutural e histórico apresentados.

Palavras-chave: Mariologia. Igreja Católica. Leigos. Associação.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise histórica sobre a Congregação Mariana objetivando identificar os aspectos que podem ter contribuído para uma associação de leigos, pioneira nesse sentido, pudesse manter-se ativa ao longo de 455 anos. Além de identificar dentre tais pontos em que pode ter colaborado na construção de uma forma de pensar e agir da Igreja Católica na atualidade.

A devoção mariana é a característica mais expressiva dessa associação, devoção esta que dá origem a uma área de estudo dentro da Teologia Católica, a Mariologia, que não só ganhou atenção como deu origem a uma série de materiais bibliográficos, incluindo documentos oficiais da igreja, sobre os quais uma revisão deverá ser apresentada.

O fato de ter sido a primeira, associação de fiéis leigos, reconhecida pela Igreja Católica é considerável visto o papel e abertura da igreja para o leigo que tem sido amplamente discutido atualmente. Têm-se então, no presente artigo, considerações importantes sobre uma instituição pioneira em um tema que hoje, centenas de anos depois, assume protagonismo.

É dado destaque para a presença dessa associação no Brasil, que tem seus primeiros registros há mais de 400 anos, e encontra-se em pleno funcionamento, com uma estrutura federativa, coordenada por uma Confederação Nacional, com um número expressivo de membros. Estrutura essa que superou uma série de mudanças e crises históricas que também são apresentadas.

Tem-se então uma organização que está sendo estudada tanto por sua manutenção ao longo do tempo como por sua capacidade de mobilizar pessoas em prol de um único objetivo, o apostolado, justamente aquele que é essencialmente buscado pela Igreja de uma forma geral e ainda é um trabalho desafiador.

Dentro do contexto apresentado vê-se a possibilidade de os aspectos que devem ser identificados e funcionaram na Congregação Mariana possam funcionar como referência na aplicação e no desenvolvimento de diferentes atividades da igreja, no intuito de cumprir o legado do apostolado.

A estrutura é apresentada através de uma explanação geral sobre a Congregação, sua história e organização no Brasil, um capítulo é voltado para a fundamentação tanto da forma de organizar-se, como os princípios e a devoção mariana, de acordo com os documentos da Igreja Católica. E por fim as

considerações finais que foram alcançadas a partir da pesquisa desenvolvida e do material elaborado.

2 CONGREGAÇÃO MARIANA, 455 ANOS DE HISTÓRIA

A Congregação Mariana é uma associação de leigos iniciada em 1563, pelo padre Jesuíta Jean Leunis nas dependências e entre os alunos do Colégio Romano, cuja finalidade era a prática do apostolado, buscando entre seus membros a santidade própria e daqueles que os cercam, seguindo o exemplo da Virgem Maria de acordo com definição dada por uma de suas principais publicações, no Brasil:

A denominação "Congregação Mariana" indica sua natureza como associação religiosa: a) A Congregação, por ser uma associação pública de fiéis leigos, livremente unidos para viverem e crescerem na vida cristã, de acordo com uma Regra de Vida, e realizar um trabalho apostólico, em plena obediência e sintonia com a Autoridade Eclesiástica, em espírito de união e docilidade ao Magistério da Igreja. b) É Mariana, porque seus membros a ela se vinculam por um compromisso público: a Consagração a Nossa Senhora. (CNCMB, 2004, p.41)

Uma organização com uma rica história, diretamente relacionada a esse compromisso apostólico (papel fundamental de todo cristão desde os primórdios, até hoje), contextualizada nos próximos tópicos.

2.1 FINALIDADE

Como aqui já fora citado e deve ser melhor aprofundado no capítulo sobre a Devoção Mariana e a Igreja Católica, subtítulo 3.1, o apostolado é compromisso de todo cristão, e é também a finalidade principal da existência desta organização.

O trabalho apostólico das Congregações Marianas não possui uma especificação ou campo próprio de atuação, mas deve estar aberto a tudo que delas exigir a variedade dos desafios que forem encontrados na multiforme realidade humana, cultural e social do meio em que vivem. (CNCMB, 2004, p.52-53)

E assim a “Congregação vai do colégio a cidade, atingindo todas as classes” (CARIDADE, 2013). Pioneira como associação de leigos, exemplar por sua capacidade de adaptarem-se as diferentes realidades elas agregam nas mudanças que a Igreja promove.

Têm-se ainda a finalidade da Confederação e das Federações que conforme já definido no manual devocionário de 1957 é de unir, organizar e orientar as congregações entre si. Inclusive dos departamentos correspondentes, como hoje existe o de juventude, e na federação de Campo Mourão (PR), por exemplo, um de casais. O mesmo manual aponta que as principais realizações das Congregações, que levam à realização de sua finalidade é a organização de Semanas Marianas, Retiros, Cursos de Formação, Concentrações Diocesanas, Visitas entre Congregações, publicação de boletins, correspondência circular e distribuição de material mariano.

2.2 ORIGEM, RELEVÂNCIA E EXPANSÃO

De acordo com o livro *As Congregações Marianas no Brasil* (2004) essa é uma associação de fiéis leigos que surgiu em 1563 nas dependências do Colégio Romano da Companhia de Jesus, por iniciativa do Pe. Jean Leunis e alguns jovens, que enquanto membros dessa associação distinguiam-se por sua vida cristã e mariana fervorosa, especialmente pela prática do apostolado. Fora erigida canonicamente em 1584, pelo Papa Gregório XIII na bula *Omnipotentis Dei* seguida por uma série de documentos papais que valorizaram sua existência e lhes concederam privilégios. Entre esses documentos estão:

- 1748 - Bula Áurea “*Gloriosae Dominae*” - Papa Bento XIV
- 1773 - Breve “*Commendatissimam*” - Papa Clemente XIV. Em
- 1948 - Constituição Apostólica *Bis Secularis Die* – Papa Pio XII

A *Bis Secularis Die* (1948), documento encontrado na íntegra nos arquivos digitais publicados pelo Vaticano, é chave na existência das Congregações Marianas, uma vez que além de direcionar os congregados de sua época demonstra o reconhecimento da Igreja sobre essa organização. De acordo essa Constituição Apostólica as Congregação Marianas produziram e produzem magníficos frutos pelo

seu número sempre crescente e isso se dá pela eficácia espiritual de suas regras e pela pujante vitalidade interior da qual viceja o espírito apostólico.

Além dos documentos papais há diferentes fontes que permitem uma contextualização histórica sobre as Congregações Marianas, além de outras análises já constituídas, valorizando a importância de tal associação.

Há números levantados que apontam essa relevância, com o encontrado no histórico descrito no Manual da Confederação Nacional de 1957 que aponta que no ano de 1955 haviam 81mil congregações e 8 milhões de congregados no mundo, “distribuídos em 1241 dioceses dos 5 continentes em 115 países e por 50 dioceses do Rito Oriental” (p.26).

Eduardo Caridade (2013) em virtude da comemoração dos 450 anos publicou no site da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil (CNCMB) um artigo fazendo uma revisão histórica sobre a associação relacionando aos fatos sociais, econômicos e políticos ao longo de todos esses anos, o autor conta como o iluminismo, as lutas e desigualdades sociais, as mudanças de visão do povo e os interesses pessoais afetaram as congregações. Conjunturas diferentes que permitem identificar grande resiliência das Congregações para manterem-se ativas.

O surgimento no colégio da Companhia de Jesus, instituição fundamental na expansão do catolicismo, que com os jesuítas espalhou-se pelo mundo, em especial pelas Américas, catequisando de inúmeras formas, foi um dos motivos sobre o qual as Congregações Marianas também se difundiram, ao passo que as crises que abalaram as estruturas jesuíticas, em especial no século XVIII, também afetaram as Congregações.

Grupos de pessoas que não fossem alunos de Escolas Jesuítas, passaram a agregavam às Congregação Marianas oficialmente a partir de 1587, com a Bula Suprema *Dispositione* do Papa Sixto V, o que fortaleceu sua expansão.

Em 1948 existiam no mundo cerca de 80.000 congregações agregadas à Prima Primária¹, formada de homens e mulheres, adultos e jovens e curiosamente apenas 5% deste efetivo estava ligado aos jesuítas, os 95% restantes, estavam ligados as dioceses urbanas e rurais e outras ordens religiosas. (CARIDADE, 2013)

¹ Congregação Mariana do Colégio Romano, instituída como modelo para as demais Congregações pela Bula *Omnipotentis Dei*,

Caridade (2013) conta que em 1953 foi criado um projeto para a criação de uma Federação Mundial, visto que dois anos antes no Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos percebeu-se que não havia nenhum órgão que pudesse representar as Congregações Mundialmente. E assim deu-se origem a Assembleia Mundial que aconteceu em 1954, quando se aprovou que as Congregações passariam a ter autonomia e independência em relação ao secretariado dos jesuítas.

A Assembleia Mundial busca então chegar a Princípios Gerais, mas observando o andamento do Concílio Vaticano II, que discutiu e aprovou muitas mudanças na Igreja, decidiu aguardar. Com as mudanças ocorridas as Congregações passaram também por modificações e em 1967 um novo nome é proposto e aprovado com um conjunto de novas regras, quando surgem as Comunidades de Vida Cristã (CVX).

2.3 CONGREGAÇÕES MARIANAS NO BRASIL

No Brasil as Congregações iniciaram suas atividades no período colonial, o Manual da Confederação Nacional (1957) data este início em 08 de agosto de 1583, na Bahia, e houve um desaparecimento, ocorrido em virtude da expulsão dos jesuítas do país, que durou um período de 111 anos (1759-1870).

Em 1870 ressurgiu, em Itu São Paulo, uma Congregação, dia 31 de maio, ponto de partida para uma nova fase nacional marcada pela expansão. O auge no Brasil foi nos anos 30, com estimados 8 mil congregados em 1937 (CNCM, 1957, p.30), que deu às Congregações Marianas do Brasil destaque mundial na época.

As mudanças que ocorreram em nível mundial, em especial pós Concílio Vaticano II, afetaram a organização das Congregações Marianas no Brasil que aceitaram os novos Princípios Gerais, mas decidiu manter o nome tradicional de Congregação Mariana.

Em 1991 em Assembleia Nacional foi aprovado um Estatuto da Confederação Nacional o qual cita a futura elaboração de uma Regra de Vida que deve em âmbito de Brasil, substituir os Princípios e as Normas Gerais. Assim as Congregações Marianas do Brasil passam a ser uma associação religiosa de leigos, autônoma, com a marca característica da devoção mariana, como sempre foram e continuaram sendo no Brasil. Fato que fora aprovado pelo Assistente Eclesiástico Nacional das

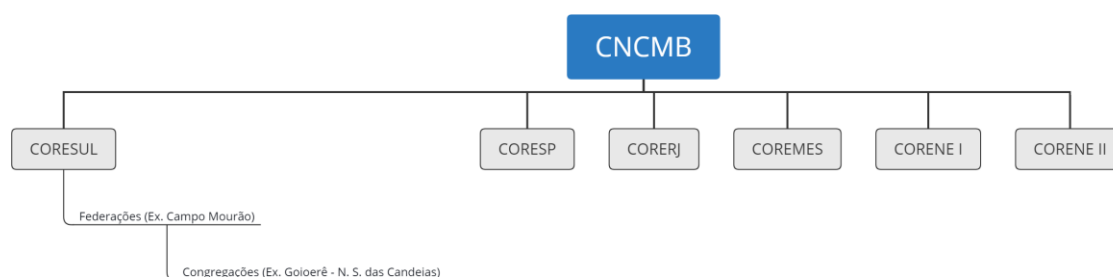
Congregações Marianas, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Eugenio Sales.

A Regra da Vida foi elaborada durante o ano de 1992 por uma Comissão de Congregados Marianos de várias regiões do país, coordenada pelo representante do Assistente Eclesiástico Nacional, enriquecida com muitas sugestões e críticas de Bispos, Sacerdotes e outros Congregados Marianos e finalmente levada ao estudo de todas as Federações Diocesanas que mandaram mais de 200 emendas. O texto, acolhidas as últimas emendas colocadas, na ocasião, em destaque, foi aprovado pela votação unânime dos delegados das Federações Diocesanas, reunidos na Assembléia Nacional, realizada dia 7 de novembro de 1992 na cidade de Aparecida, SP. O texto foi homologado pelo Assistente Eclesiástico Nacional, Cardeal Dom Eugenio Sales, em 3 de dezembro de 1992. Submetida, em 12 de maio de 1993, mediante carta do Assistente Eclesiástico Nacional, à aprovação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Foi ela aprovada em 22 de agosto de 1993 pelo Decreto da Presidência nº 5/93, com a indicação de várias modificações para maior fidelidade às exigências da Lei Canônica e para explicitar mais claramente a estrutura organizativa, os níveis de dependência e relacionamento com a autoridade eclesiástica competente. Estas modificações foram aprovadas por unanimidade pelos Delegados das Federações Diocesanas, reunidos em Assembleia Nacional, realizada no dia 6 de novembro de 1993, em Aparecida, SP. Submetido à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o atual texto da Regra de Vida foi aprovado, "*ad-experimentum*", pelo prazo de cinco anos, pelo Decreto da Presidência nº 7/93, de 25 de novembro de 1993. (CNCMB, 2004, p.64-65)

Regra de Vida esta que, ainda em vigência, mantém o apostolado, a ardentíssima devoção à Virgem Maria e a busca incessante de seus membros por seguir seu exemplo, continuam sendo a finalidade principal.

2.3.1 Estrutura

A Figura 1, abaixo, ilustra a estrutura sobre a qual se organiza atualmente as Congregações Marianas do Brasil, com uma Confederação Nacional, Coordenações Regionais (Ex. Coresul – Coordenação Regional do Sul), Federações (Ex. na Diocese de Campo Mourão) e as Congregações (Ex. Congregação Mariana Nossa Senhora das Candeias – Goioerê) que funcionam como associações de base, normalmente paroquiais.

Figura 1: Estrutura das Congregações Marianas do Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale ressaltar que essa é a estrutura principal, sobre a qual ainda há uma departamentalização por funções, por exemplo, um segmento de jovens e de formadores.

Junto à Confederação Nacional, durante o desenvolvimento deste trabalho (2018) e analisando documentos entregues aos delegados presentes na Assembleia Nacional deste ano os números sobre as Congregações Marianas no Brasil hoje são:

Tabela 2: Dados das Congregações Marianas do Brasil

Federações	64
Presença em Estados	23
Congregações Independentes	19
Congregações	não foi possível levantar
Congregados	não foi possível levantar

Fonte: Elaborado pelo autor

Um aspecto que chama a atenção é o número de federações que é muito próximo ao apresentado no manual de 1957 que aponta que naquela época haviam 60 federações no Brasil.

Quanto aos dados que não foram possíveis de serem levantados é possível ter uma dimensão do número de Congregações e Congregados quando se observa

que de acordo com notícia publicada no site A12, veículo oficial de comunicação do Santuário Nacional de Aparecida (maior Santuário Mariano do país), seu recorde de público foi no dia 11 de novembro deste ano (2018), data em que na localidade estava acontecendo a Assembleia Nacional. O recorde anterior havia sido registrado em 14 de novembro de 2010, quando acontecia o mesmo evento.

3 DEVOÇÃO MARIANA E A IGREJA CATÓLICA

Para a fé católica Maria é reconhecida como Mãe da Igreja, por ser a Mãe de Cristo, cabeça da Igreja, que é o seu Corpo Místico. (CRESCENTI, 2007, p.29). A expressão de tal devoção vêm sendo estudada e aprofundada ao longo dos anos, as referências para compreendê-la vem de diferentes fontes, a começar pelas aparições nos evangelhos (cf. Lc 1, 26-48; Lc 2,41-52; Jo 19,26-27; Lc 1,26-48), no Ato dos Apóstolos (cf. AT1,13-14) e via interpretação no livro do Apocalipse.

Paredes (*apud* MURAD, 2012, p.32) relata a complexidade dessa relação, bem como o surgimento e a evolução das pesquisas sobre o assunto, quando afirma que

Maria foi acolhida na Igreja que, nas diversas comunidades, guardou sua memória. Pouco a pouco começou a incluí-la em seu culto e liturgia. Depois, refletiu teologicamente sobre ela, tanto à luz de Jesus, confessado como Filho de Deus e redentor do mundo, como da Igreja, representada sob a imagem da Mulher, a Mãe, a Esposa, a Virgem, a Imaculada e a Assunta. Uma série muito complexa de interações entre piedade popular, progresso dogmático-teológico e magistério eclesial se cristalizou em uma mariologia dogmática. Ela expressa com evidência até onde chegou a compreensão eclesial e crente do mistério de Maria, e como se torna difícil ser explicada teologicamente.

Assim origina-se uma subárea da Teologia Católica que é a Mariologia.

A mariologia é a disciplina teológica que estuda o lugar de Maria no projeto salvífico da Trindade e sua relação com a comunidade eclesial. Enquanto saber teológico, a mariologia é uma reflexão sistemática, crítica e sapiencial que parte da e fé e à fé retorna. Respeitando diferentes correntes de pensamento, pode-se afirmar que a mariologia mais adequada é aquela que ajuda os cristãos a seguir Jesus com mais empenho e a compreender melhor aquilo que creem. (MURAD, 2012, p.23)

Delineado o cuidado que a Igreja observa ao valorizar a função da mãe de Jesus em seus fundamentos reforça-se sempre que Cristo permanece o centro da fé. “O que a fé católica crê acerca de Maria funda-se no que ela crê acerca de Cristo, mas o que a fé ensina sobre Maria ilumina, por sua vez, sua fé em Cristo.” (CATECISMO..., 1998, p.137; CIC 487).

“A autêntica doutrina mariana é assegurada pela fidelidade à Escritura e à Tradição, sua característica imprescindível é a referência a Cristo: tudo, de fato, em Maria deriva de Cristo e para Ele está orientado.” (CRESCENTI, 2007, p.50), uma vez que, conforme reafirma Murad (2012) os Evangelhos foram escritos para falar de Jesus Cristo, assim Maria aparece em referência à Ele e à comunidade dos seus seguidores, de modo que as interpretações dos textos bíblicos ou da Tradição da Igreja acerca de Maria devem resguardar o lugar central de Jesus Cristo como mestre e Senhor.

Tal estima se dá uma vez que, conforme afirma a Igreja,

a Virgem de Nazaré teve uma missão única na história da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu filho até seu sacrifício definitivo. Do alto da cruz, Jesus Cristo confiou a seus discípulos, representados por João, o dom da maternidade de Maria, que brota diretamente na hora pascal de Cristo. “E desse momento em diante, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27). Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito (cf. At 1, 13-14), ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um sele mariano que a identifica profundamente. (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 124; DAp. 267)

Entende-se assim que ela “Precede a todos na santidade que é o mistério da Igreja como a “Esposa sem mancha nem ruga”. Por isso “a dimensão marial da Igreja antecede sua dimensão petrina”.(CATECISMO..., 1998, p.222; CIC 773). Assim em Maria a Igreja reconhece o modelo da sua caridade: observando a situação da primeira comunidade cristã, descobrimos que a unanimidade dos corações, manifestada à espera do Pentecostes, está associada à presença da Virgem Santa (cf. At 1, 14). (CRESCENTI, 2007, p.32)

Representa a santidade, expressa na humanidade “cooperou para a salvação humana com livre fé e obediência. Pronunciou o seu “fiat” (faça-se) em representação de toda a natureza humana.” (CATECISMO..., 1998, p.143; CIC 507).

E especialmente ao papel missionário dos fiéis uma vez que é compreendida como “grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários.” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 125; DAp. 269)

3.1 A EVANGELIZAÇÃO COMO PRINCÍPIO

“A igreja é por sua própria natureza missionária, enviada à todos os povos para fazer deles discípulos, manifestou-se publicamente pela primeira vez no dia de Pentecoste, a partir de quando iniciou a difusão do Evangelho.” (CATECISMO..., 1998, p.220; CIC 767).

Propagar o evangelho, ser missionário é também uma forma de discipulado, ou seja seguir o Cristo e seus ensinamentos. Como reforça o Catecismo da Igreja Católica

Jesus é o enviado do Pai. Desde o início de seu ministério “chamou a si os que quis, e dentre eles escolheu Doze para estarem com ele e para enviá-los a pregar” (Mc3, 13-14). A partir daquela hora eles serão os seus “enviados” (é o que significa a palavra grega apóstolo). Neles continua sua própria missão: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21). Seu ministério é portanto, a continuação de sua própria missão: “Quem vos recebe a mim recebe”, diz ele aos Doze (Mt 10,40). (CATECISMO..., 1998, p.247; CIC 858)

Entende-se desse modo que sair em missão vai além de uma obrigação, é um gesto de agradecimento, uma vez que “Deus amou tanto nosso mundo que nos deu o seu Filho. Ele anuncia a boa nova do Reino aos pobres e aos pecadores. Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo.” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 25; DAp. 30).

E assim “a vocação cristã é também por natureza a vocação ao apostolado.” (CATECISMO..., 1998, p.248; CIC 863). “Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho.” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 25; DAp. 31)

Na estrutura construída pela Igreja como base para esse processo de evangelização culturalmente têm-se entendido a Congregação Mariana como um movimento, ainda que por seus dirigentes considerada uma forma equivocada de compreendê-la. Mas partindo desse princípio, a forma como as estruturas de base enxergam-na vale ressaltar a importância (que a própria Igreja) dá à essas expressões na missão “Os movimentos e novas comunidade constituem valiosa contribuição na realização da Igreja Particular. Por sua própria natureza, expressam a dimensão carismática da Igreja” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 142; DAp.312)

Não há como escapar: o seguimento de Jesus Cristo, para ser genuíno e autêntico, exige participação ativa no trabalho de transformação da sociedade. (CNBB, 2004, p.16). Dado que

a participação é o envolvimento voluntário e generoso da pessoa nas relações sociais. É necessário que todos participem, cada um conforme o lugar que ocupa e o papel que desempenha, promoção do bem comum. Este dever é inerente à dignidade da pessoa humana. (CATECISMO..., 1998, p.509; CIC 1913)

Justamente a proposta da Congregação Mariana, reforçada por Eduardo Caridade (2013) que aponta as Congregações Marianas, como o princípio de uma pastoral mais adaptada ao meio, que promove o leigo, que atingiu toda sociedade visando a conversão, e convidando homens, mulheres, jovens e toda a família a ser objeto do apostolado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as referências aqui apresentadas é possível identificar a Mariologia e a conseqüente devoção mariana uma característica essencial da Igreja Católica que veio desenvolvendo-se ao longo de sua existência. Já o princípio do apostolado, a missão do Cristão é incontestável desde sua origem e fundamentada em quase todos os seus documentos. São esses alicerces sólidos em que se constituíram as Congregações Marianas, e é válido aqui ressaltar o quanto isso é importante para a sustentação de qualquer organismo.

Também é possível identificar ao longo do material levantado a capacidade desta associação de adaptar-se a realidades diferentes (homens, mulheres, jovens, comunidades rurais e urbanas) resiliência necessária para sua manutenção ao longo do tempo apesar dos cenários de crise em que esteve inserida.

Como a Igreja as Congregações Marianas, em especial no Brasil, se reinventaram mantendo-se sempre fiéis aos seus valores e finalidade, em especial o do apostolado, que leva a diversas práticas exemplares. Cria assim uma organização coerente e comprometida com sua missão, caracterizando-se, como vários de seus documentos afirmam, um caminho de santidade, indicado como deve ser um cristão exemplar.

Deve-se ainda considerar que as práticas vividas pelas Congregações para a vivência do apostolado podem ser consideradas sustentação para sua existência por tantos anos de história, embora não tenham sido relatadas no presente artigo e portanto abre caminhos para novos estudos mais aprofundados e específicos.

Pode-se considerar, portanto, as Congregações Marianas, como uma mobilização de leigos para o exercício da missão do Cristão, que vêm funcionando há 455 anos permanecendo sempre atual, especialmente neste momento em que a Igreja chama e valoriza cada vez mais o papel destes fiéis. E considera-se ainda a hipótese de seu modelo, por ter sido pioneiro, representar uma abertura de visão para a Igreja perceber essa necessidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Victor Hugo. Santuário tem movimento recorde no último fim de semana. **A12**. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/impressa/releases/com-movimento-recorde-285-mil-devotos-lotam-santuاريو-de-aparecida-no-fim-de-semana>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1998.

CARIDADE, Eduardo Lopes. Congregação Mariana, 450 anos unidos a Cristo pelas mãos de Maria. **CNCMB**. Disponível em: <<http://cncmb.org.br/congregacao-mariana-450-anos-unidos-a-cristo-pelas-maos-de-maria.html>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CARIDADE, Eduardo Lopes; ANDRADE, Fernando Expedito Andrade; ALMEIDA, Hosana de Fátima Almeida; NUNZIANTE, Vito. **Curso de Formação para Congregados Marianos**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil, 2004.

CNCMB. **As Congregações Marianas do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CNCM. **Manual da Confederação Nacional**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1957.

CNBB. **Temas da Doutrina Social da Igreja: Projeto Nacional de Evangelização Queremos Ver Jesus Caminho Verdade e Vida**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2004,140p.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida: texto conclusivo**. 2. ed. CNBB: Brasília, 2007.

CRESCENTI, Eliane Potalone. **Curso de Mariologia**. 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/27017181-Curso-de-mariologia-profa-dra-eliane-portalone-crescenti.html>>. Acesso em: 20.nov.2018

MURAD, Afonso. **Maria: Toda de Deus e tão humana**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.